

## **Me encontre no nosso lugar (Ilha de Capri, Bairro Alto – Curitiba, PR)**

**Por: Juliana Sehn**

Moro na mesma casa desde que nasci. É um sobrado que fica bem no meio de uma rua pequena batizada de Mauro Orlei Hoffmann, no Capão da Imbuia. Esse bairro é conhecido pelo bosque de mesmo nome, local que preserva o pouco que restou dos capões nativos típicos da região.

Só lembro de visitar esse bosque quando criança. Esse ano, quase retornei à área porque eu e você consideramos escolhê-lo como o lugar onde teríamos o nosso primeiro encontro. Acabamos mudando de ideia porque o bosque parecia ser um pouco pequeno – fato que ainda não confirmei até hoje por pura preguiça de ir andando até lá.

Trocamos o pobre bosque pelo robusto Parque São Lourenço, onde eu nunca tinha ido antes e que venceu por parecer ser espaçoso – e era. Passeamos por lá e encontramos lugares escondidos para deitar, ouvir música no mesmo fone de ouvido e conversar sem encostar uma na outra, devido ao nervosismo e à timidez de duas cancerianas no primeiro encontro.

Era fim de inverno, época de ipê amarelo em Curitiba. Você tirou um galhinho com flores de um ipê e me deu. Hoje, eu teria um novo encontro com você debaixo de um ipê roxo – meu preferido –, que tem aparecido bastante agora, em uma primavera curitibana fria e nublada.

Aliás, aqui pelo Capão da Imbuia, temos vários ipês roxos, principalmente próximo à Universidade do Esporte. A duas quadras da minha casa, a universidade é um ponto de referência pelo Centro de Excelência de Ginástica Olímpica, por onde passaram nomes como Daiane dos Santos, Diego Hypólito, Jade Barbosa e, não menos importante, minha amiga Fernanda, aquela de quem eu sempre falo e que você conheceu antes dos nossos caminhos se cruzarem. Também foi para ela que eu falei de você pouco tempo depois de te conhecer, ainda sem fazer ideia de que, em algum momento, seria comum você vir me visitar frequentemente aqui no Capão.

Considerando onde eu moro, você pode chegar até mim facilmente por meio do Terminal Capão da Imbuia. Mas geralmente você prefere vir com o Clio branco do seu pai. A primeira vez que você veio aqui foi porque você foi visitar uma amiga que mora por perto e depois foi passear com ela no Parque das Águas, em Pinhais, município

vizinho do meu bairro. Você avisou que ia passar por aqui e eu deitei na mesma rede laranja em que me encontro agora, pendurada na sacada da frente de casa, de onde consigo observar a minha rua pequenininha.

Naquele dia, vi o entardecer muito nervosa diante da sua possível chegada. Depois que escureceu, fiquei andando de um lado para o outro dentro de casa até você chegar. Você estacionou do outro lado da rua, na frente da casa de um dos poucos vizinhos cujo nome eu conheço – Marco. Ele mora na maior casa da rua, e provavelmente a única que tem piscina, visível da minha sacada e uma aquisição que sempre invejei desde criança.

Você não saiu do carro, então eu entrei e fui perdendo o meu nervosismo conforme conversava com você. Naquele dia, você se surpreendeu porque eu consegui olhar nos seus olhos por mais de três segundos pela primeira vez. A partir desse dia, quase todas as vezes que você veio, você estacionou na frente da mesma casa, ponto que agora parece ser a sua garagem para quando você vem me visitar.

Foi onde você parou também no dia em que fugimos de casa de madrugada porque não achamos outro horário para nos encontrarmos. Decidimos abraçar a aventura e fomos de carro até o centro, região da cidade pela qual nós duas, sem nos conhecermos, gostávamos tanto de andar e explorar antes da pandemia. Por ali, na madrugada da nossa fuga, espalhamos bilhetinhos com mensagens aleatórias para quem fosse que os encontrasse.

Depois disso, nos dirigimos ao Bairro Alto, vizinho do Capão, para buscar uma área alta o suficiente para assistirmos ao nascer do sol. Encontramos um cantinho, onde havia uma estrada de chão e, mais para cima, prédios residenciais que nós consideramos como bastante chiques. O prédio mais da ponta se chama Residencial Ilha de Capri e se tornou o nosso ponto de referência se um dia quisermos retornar ao local. Aliás, foi daí, como você bem sabe, que veio o nome que escolhemos para o nosso cantinho secreto no Bairro Alto de Curitiba – Ilha de Capri.